



TEXTO INFORMATIVO

COMPORTAMENTO – AS FANTASIAS INFANTIS

(Ana Maria Moratelli da Silva Rico)

A partir do segundo ano de vida, a criança passa a viver num mundo de faz de conta, paralelo ao mundo real, e que é repleto de seres imaginários.

Como o mundo real ainda lhe é difícil de ser assimilado e aceito, ela cria o seu próprio universo, onde tudo é possível e tem solução: é a fase do pensamento mágico e das projeções.

Nesse seu universo habitam super-heróis, mitos, fadas e monstros, capazes de brincar com ela, bem como fazê-la rir, sentir medo e chorar e, acima de tudo, ajudá-la a se desenvolver.

Como toda fase, um dia ela passa; para uns mais cedo, para outros mais tarde. Porém, é esperado que, por volta dos seis, sete anos de idade isso tenha terminado, uma vez que várias funções como a memória, a lógica e a inteligência já terão se desenvolvido.

Surge na criança uma ansiedade intensa e aflitiva, que não tem necessariamente relação com qualquer experiência assustadora anterior e cuja origem vai ao encontro do momento de vida que atingiu, quando se inicia o desfralde, ou seja, o controle do próprio corpo. Isso é muito angustiante, pois o fracasso significa decepcionar as figuras parentais que lhe são tão significativas e de quem ainda é tão dependente física e emocionalmente.

A criança expressa seus conflitos através do medo do escuro, de estranhos, de situações novas, de trovão, de relâmpago, de vento e outros temores que não se constituem fobias. Ela sente-se fragilizada diante de emoções desconhecidas e que não consegue dominar e compreender. Daí a necessidade de criar um universo só seu. Na sua lógica, se os super-heróis conseguem subjugar o mal, ela também consegue; ou seja, se eles resolvem seus conflitos, ela também pode fazê-lo. Esses pensamentos mágicos lhe dão um sentido de poder muito forte e contribui para diminuir a sensação de fraqueza e de impotência diante dos adultos.

Assim, ela atribui vida aos objetos e brinquedos, depositando neles seus próprios sentimentos (projeções). É o ursinho de pelúcia que está com raiva porque a mãe brigou com ele ou o soldadinho que está triste porque o pai dele foi trabalhar e não o levou junto... Enfim, a criança brinca com os bonecos e bichos de pelúcia como se fossem

pessoas de verdade. Dessa maneira, ela se liberta, sem culpa, de seus sentimentos negativos ao expressá-los através dos brinquedos e objetos.

Nesse momento, faz-se necessário redobrar os cuidados, principalmente com janelas ou objetos que ofereçam perigo, pois a criança pode se sentir tentada a imitar o modo de atuar de seus personagens.

Por volta dos três anos, a criança inventa um companheiro imaginário para conversar e brincar. Geralmente esse personagem é bom, prestativo e é dirigido e comandado por ela, o que lhe dá uma sensação de controle e poder.

Apesar dos monstros serem figuras aterradoras, os pais não precisam se alarmar, pois justamente por serem criaturas do mal sempre acabam derrotados nas histórias e nos desenhos.

Dentre os mitos, os mais simpáticos e bonzinhos são o “Papai Noel” e o “Coelhinho da Páscoa”, pois lhe dão presentes, o que fortalece e enriquece o seu senso de autoestima, por se sentir uma pessoa importante. Sendo assim, acreditar em “Papai Noel” é um dos mais significativos encantos infantis e nenhum adulto deve quebrá-lo. Ele é o símbolo do pai bom, compreensivo, amoroso e um notável substituto do pai biológico por ocasião do Natal, principalmente para a criança que não o tem presente na vida cotidiana.

Todas essas fantasias têm a função de equilibrar emocionalmente a criança, permitindo a elaboração e dissipação da angústia e o aplacamento da ansiedade. Funcionam, inclusive, como um processo de autodefesa e de autoafirmação.

Através do faz de conta, a criança aprende também a entender o ponto de vista de outra pessoa, desenvolve habilidades na solução de problemas sociais e a torna mais criativa, acelerando seu desenvolvimento intelectual.

Essa é, portanto, uma etapa fundamental do desenvolvimento infantil, pois é através dela que a criança tenta elaborar seus conflitos e organizar simbolicamente o mundo real.

Os pais não devem participar ativamente do imaginário mirim nem incentivar ou reprimir. Com o tempo ele vai declinando de intensidade até desaparecer por completo, como se nunca tivesse existido. Geralmente esse final coincide com um maior domínio da linguagem e com a abertura de novos caminhos para a descarga emocional da criança.